

Relato de experiências em iniciativa inclusiva em praias: o caso dos operadores do Praia Acessível no litoral paranaense

¹André Luís de Oliveira Lima, ¹Maria Lúcia Leite Ribeiro Okimoto, ¹Flávio Issao Kubota, ²Raimundo Lopes Diniz

¹ Universidade Federal do Paraná

² Universidade Federal do Maranhão

DOI 10.52050/9788579177255-14

1. INTRODUÇÃO

O lazer faz parte dos pilares sociais junto à educação e trabalho, caracterizando por sua complexidade de compreensão dado seu conceito amplo e multifacetado. Como estrutura social, está diretamente voltado à qualidade de vida, saúde e cidadania. O lazer está associado também ao turismo, uma vez que caracteriza-se pela ocupação em período de ócio, focada em geralmente em divertimento, contemplação e atividades práticas como esportes, por exemplo.

No contexto do turismo, a praia caracteriza-se como um dos ambientes mais procurados para o aproveitamento do lazer (Donegam, Madruga e Carneiro, 2022). Um dos principais motivos é o Turismo de Sol e Praia, que estimula atividades turísticas de recreação, entretenimento ou descanso em praias, partindo da combinação de água, sol e calor, proporcionando papel fundamental que favorece o encontro, o coletivo e a inclusão social.

Embora a praia favoreça esses benefícios, estando diretamente associada ao conceito de espaço azul (Job, Heales e Obst, 2022; 2023), ainda apresenta problemáticas relacionadas ao acesso por pessoas com deficiência, por conta da limitação de mobilidade no ambiente costeiro. Diante dessa demanda social, diversas iniciativas de praias acessíveis surgiram no país, principalmente a partir de 2012, servindo como estratégia de democratização do acesso ao lazer.

Dentre essas iniciativas destaca-se o projeto Praia Acessível, implementado e gerenciado pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Família no Paraná, atuando desde 2017 a oferta do banho assistido no litoral paranaense em diversos pontos durante o verão, mobilizando profissionais de educação física, fisioterapeutas e administradores como gestores que atuam diretamente

na interação e assistência dos usuários, pessoas com deficiência e mobilidade reduzida.

Apresentados como domínio de operação, esse grupo atua na mediação entre tecnologia assistiva, usuário e ambiente, demandando assim necessidades específicas de condições de trabalho que impacta diretamente na experiência dos usuários principais do Praia Acessível. Dessa forma, esse capítulo ocupa-se na investigação desse domínios a partir da compreensão de experiências, desafios e necessidades relatadas pelos operadores da iniciativa inclusiva em praia, contribuindo para reflexões sobre gestão, atendimento e desenvolvimento de soluções assistivas.

2. INICIATIVAS INCLUSIVA EM PRAIAS: ACESSIBILIDADE, LAZER E PARTICIPAÇÃO SOCIAL

O conceito de acessibilidade vem sendo abordado durante anos por diversos significados diante de múltiplas dimensões na qual se relaciona. Com a discussão da Tecnologia Assistiva, a acessibilidade ganha ainda mais foco em esferas física, operacional ou de processo, uma vez definida como qualquer recurso, ferramenta ou serviço que proporciona maior independência e autonomia a pessoas com deficiência (Filho e Damasceno, 2008; Mallin e Carvalho, 2015; Bastos *et al.*, 2023).

Embora o debate da acessibilidade e produção de Tecnologia Assistiva para aspectos de autonomia tenham tomado grande volume, voltado ao lazer ainda são escassas organizações e práticas que integrem as pessoas com deficiência em contexto de lazer e pertencimento à esses espaços. A praia, como ambiente natural, oferece oportunidades distintas de atividades, como exercícios físicos variados na orla, socialização e contemplação, além de atividades recreativas como nadar, surfar e pescar (Pascoe, 2019). Os aspectos relacionado ao ambiente podem ter impacto positivo direto da saúde e sensação de bem-estar, indicando os efeitos salutogênicos já apresentados por alguns pesquisadores (Nisbet, Zelenski e Murphy, 2011; Marty e Brymer, 2016; Santarino, 2019; Fisher, 2023; Verdonck, Wiles e Broome, 2024).

Esse espaço favorece o pertencimento, participação social e o acesso a benefícios físicos e mentais, ainda assim, as praias brasileiras apresentam barreiras estruturais no contexto de acessibilidade, diminuindo a participação plena de todas as pessoas (Silva e Oliveira, 2023; Lima e Silva, 2025). Autores destacam a responsabilidade do Estado e, garantir planos de acessibilidade que assegurem maior independência e inclusão das pessoas com diversidade funcional (Sibirino e Figueiredo, 2015), destacando que embora exista legislação específica para esse contexto, muitas normas não são cumpridas devido à ausência de fiscalização e baixa adesão de prestadores de serviços.

Para mitigar principalmente a barreira física de acesso ao mar, diversas iniciativas se estabelecem pelo Brasil partindo das iniciativas de “Praia Acessível”, que favorecem o banho assistido no mar por meio de uma infraestrutura que reúne pontos de acesso, esteiras acessíveis na faixa de areia e a cadeira de rodas anfíbia para entrada no mar, inspirados na primeira atividade registrada de acessibilidade em praia, iniciada em 2012 nas praia do Rio de Janeiro (Borges e Oliveira, 2023), que virou referência para implementação em outros estados.

No Paraná, atividade foi consolidada pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Família, em parceria com a Companhia de Saneamento do Paraná (Sanepar) desde 2017, consistindo na instalação de infraestrutura para ofertar o acesso à atividades de lazer, incluindo o banho assistido para pessoas com deficiência e mobilidade reduzida de forma segura.

A iniciativa faz parte do Verão Maior Paraná, que se volta à atividades diversas no período de férias e verão no litoral do estado, incluindo a disponibilização de cadeiras de rodas anfíbias, possuindo rodas especiais para terrenos arenosos e ambiente aquático, cinto de segurança regulável e apoio cervical. Em diversos pontos na extensão costeira, o atendimento é realizado por profissionais de educação física que acompanham os participantes em toda a atividade.

A iniciativa adora um sistema sociotécnico por envolver espaço físico, caracterizado pelo ambiente costeiro, artefato físico pela cadeira anfíbia e serviço, no que se relaciona ao processo de operação e gestão das atividades, compreendendo que a experiência final vai além do uso de um produto, mas da combinação desses elementos. Na edição de 2026, que compreendeu os meses de dezembro a fevereiro foram contabilizados cerca de 1.800 atendimentos no litoral, envolvendo uma dinâmica e logística para ocupação dos postos caracterizados como fixos em determinados pontos da praia, e itinerantes, influenciados pela dinâmica de ocupação nas praias.

As atividades de operação compreenderam a identificação de possível usuário, a informação do projeto e serviços oferecidos, registro demográfico do usuário e acompanhamento desde o ponto de atendimento até o ambiente aquático e seu retorno para finalização. Compreendendo o contexto sociotécnico e a dinâmica de funcionamento da operação, este recorte apresenta um olhar voltado ao contexto do operador no contexto da praia acessível, mapeando seu posicionamento como domínio de operação que tem contato com o serviço e artefato auxiliares da experiência no ambiente aquático de praia.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

O recorte para este capítulo está diretamente associada à tese de doutorado “Gestão de acessibilidade: uma proposta modelo para a experiência de pessoas

com deficiência e mobilidade reduzida no lazer aquático em praias”, destacando-se sua natureza exploratória ao considerar um contexto ainda pouco estudado e descritivo, quando busca-se detalhar as dinâmicas existentes no fenômeno estudado, considerando não o usuário direto como a pessoa com deficiência e mobilidade reduzida, mas o operador como agente da promoção da experiência.

Sob a perspectiva do Design Science Research, a investigação reforça a importância de incorporar evidências provenientes do contexto de uso durante o processo de desenvolvimento e refinamento de tecnologias assistivas. Os operadores, por atuarem continuamente na interface entre equipamento, usuário e ambiente, constituem uma fonte relevante de requisitos para o aperfeiçoamento de produtos, serviços e processos de gestão.

Por isso, a investigação adotou abordagem qualitativa, utilizando um protocolo de coleta de dados a partir de entrevistas semiestruturadas individual e observações assistemáticas considerando a última edição do Praia Acessível no litoral paranaense (Verão 2025/2026). Dentre os critérios de inclusão para participação estavam: (i) alocação no período destinado para coleta; e (ii) acordo de contribuição voluntária sem fins lucrativos. A combinação dessas técnicas possibilitou uma compreensão mais ampla do fenômeno investigado, permitindo ainda dados que pudessem ser analisados de forma estatística e descritiva.

O roteiro foi conduzido inicialmente com a observação da organização local dos operados em relação ao espaço e dispositivos disponíveis para atendimento, visando não influenciar na dinâmica de atendimento, mas entender os processos envolvidos na oferta do serviço para a experiência dos usuários diretos. Quanto às entrevistas, foram organizadas em perguntas abertas e fechadas em eixos temáticos relacionados à experiência operacional como: (i) dificuldades encontradas durante o atendimento; (ii) interação entre operador, usuário e ambiente; (iii) mapeamento de desconfortos físicos; (iv) sugestão de memórias para o funcionamento da iniciativa.

A estratégia das entrevistas possibilitou equilibrar uma estrutura previamente definida com a liberdade necessária que os operadores precisavam para relatar situações específicas vivenciadas nas dinâmicas de atendimento. Por isso, buscou-se acessar não apenas informações objetivas sobre os processos realizados, mas como os conhecimentos oriundos da prática, foram capazes de lidar com a variabilidade do ambiente e necessidades de cada usuário.

A utilização da observação como estratégia complementar possibilitou identificar elementos que nem sempre são explicitados pelos participantes durante os relatos, contribuindo para uma análise integrada entre o discurso dos operadores e as práticas efetivamente realizadas. Assim, os dados coletados permitiram compreender o domínio de operação da iniciativa, evidenciando

desafios técnicos, humanos, ambientais e organizacionais que influenciam a experiência de acessibilidade em praias.

3.1 Processo de análise e interpretação de dados

A análise dos dados coletados foi conduzida a partir da integração entre procedimentos quantitativos descritivos e análise qualitativa dos relatos obtidos. A estratégia foi adotada por considerar a natureza da investigação do fenômeno, na qual aspectos de experiência operacional, percepções e desafios no contexto real devem ser compreendidos tanto em termos de ocorrência, como significado.

Inicialmente, os dados provenientes de perguntas fechadas foram organizados e sistematizados, permitindo a identificação dos principais aspectos relacionados aos operadores e sua atuação, condições de operação e dificuldades identificadas. Para a análise descritiva das respostas, adotou-se o software gratuito e de código aberto PSPP, utilizando medidas de frequência e mediana, o que possibilitou identificar a distribuição das percepções, similaridades de respostas e relevância dentro do conjunto investigado.

A utilização da medida de frequência permitiu verificar a recorrência de determinados temas e situações relatadas pelos operadores, antecipando quais desafios apresentaram maior presença na dinâmica operacional. Já a mediana foi utilizadas como medida de tendência, principalmente por conta de algumas perguntas apresentarem níveis de concordância a partir da escala Likert (1932), reduzindo a influência de valores extremos e permitindo a interpretação consistente dos dados obtidos.

No caso das perguntas abertas, essas foram submetidas à análise de conteúdo, considerando o protocolo proposto por Bardin (2015), que considera como principais etapas da técnica: (i) tratamento dos dados; (ii) codificação; e (iii) interpretação. Assim, o processo envolveu leitura sistemática dos registros, identificando unidades de significado, agrupamento temático e construção de categorias analíticas relacionadas aos desafios encontrados, permitindo compreender aspectos que ultrapassam a frequência de ocorrência e a interpretação de como os operadores percebem o contexto da atividade.

A integração entre os dados quantitativos descritivos e as interpretações qualitativas possibilitou uma compreensão ampliada da realidade investigada, articulando a recorrência dos desafios identificados com as experiências relatadas pelos operadores. Esse procedimento contribuiu para a construção de um panorama do domínio de operação do Praia Acessível, fornecendo subsídios para a identificação de oportunidades de melhoria e para o desenvolvimento de soluções mais adequadas às demandas do contexto de uso.

4. RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

4.1 Caracterização dos operadores participantes

A investigação contou com a participação de 23 operadores envolvidos na iniciativa Praia Acessível no litoral paranaense, compondo o domínio relacionado aos profissionais responsáveis pela operacionalização do serviço de banho assistido oferecido. O grupo apresentou idade média de 33 anos, com variações entre 18 e 58 anos, indicando uma composição heterogênea, formada predominantemente por jovens adultos em diferentes fases de experiência profissional.

Quanto ao gênero, a maior distribuição esteve voltada ao feminino (51,4%). Quanto à experiência dos participantes, os dados indicaram maior predominância em operadores com menos de um ano de atuação (54,1%), enquanto a outra parte apresenta experiência superior a dois anos. Esse resultado apresenta um contexto de interação de novos operadores na iniciativa, principalmente por conta da sazonalidade e dinâmica operacional existente.

Nesse contexto, é possível descrever que a operação não envolve apenas o domínio do equipamento, mas envolve também as competências relacionadas ao atendimento, comunicação e quando necessário, adaptações às mudanças ambientes e necessidades dos usuários. Apresentando assim a capacitação como elemento fundamental para garantir segurança e qualidade no atendimento.

4.2 Percepção dos operadores sobre a cadeira anfíbia e atividade operacional

A análise da percepção sobre a cadeira anfíbia revelou predominância positiva quanto ao uso. Considerando a escala Likert, todos os itens investigados, como altura da pega, tipo de manejo, conforto durante o uso, apresentaram mediada igual a 4, direcionada à satisfação.

O conforto durante o uso teve maior concentração de satisfação considerando dez participantes e alta satisfação considerando oito participantes. Quanto à facilidade de uso, 17 respostas concentraram-se entre as categorias fácil e totalmente fácil. Houve também maior concentração de respostas quanto ao aspecto de leveza da cadeira, essencial para a performance do artefato em diferentes terrenos.

Outro aspecto relevante identificado está direcionado à ocorrência de desconfortos físicos durante a operação. Mais da metade dos participantes (52,8%) relatou já ter sentido algum tipo de dor ou desconforto durante as atividades. Os principais pontos indicados foram a região lombar e costas, apontado por 11 dos participantes, seguido da sensação de fadiga e cansaço geral,

por 6 participantes, e desconforto nos ombros e braços, por quatro participantes. Esses dados indicam uma relação entre as demandas físicas da tarefa e aspectos ergonômicos do sistema de operação.

5. CLASSIFICAÇÃO DOS DESAFIOS RELATADOS PELOS OPERADORES

A partir da análise de conteúdo foi possível identificar os principais desafios presentes no contexto de operação, considerando os relatos dos participantes sobre dificuldades enfrentadas e oportunidade de melhoria. As respostas foram organizadas em categorias temáticas, permitindo compreender não apenas a frequência em que apareceram, mas também a relação com o sistema formado entre operação, equipamento, usuário e ambiente.

Entre os desafios, identificou seis grupos principais:

(i) condições de operação

A categoria com maior frequência esteve voltada às condições de operação, representada por oito dos participantes. Essa categoria envolver aspectos como mobilidade na faixa de areia, condições climáticas, agitação do mar, barreiras físicas e limitações na infraestrutura existente.

Portanto, os resultados apresentados demonstram que o desempenho da cadeira anfíbia não depende exclusivamente das características do produto, mas da interação entre o equipamento e o ambiente onde ele é utilizado. A praia, como ambiente aquático, apresenta variáveis e imprevisibilidade quanto suas condições, mas que influenciam diretamente a instabilidade, deslocamento e esforço necessário durante a atividade de operação.

(ii) Interação com o usuário

Em seguida, a categoria mais frequente voltou-se à interação com os usuários, apresentada por sete dos participantes. Os operadores destacaram os desafios associados à comunicação, diferentes níveis de autonomia dos usuários, influência dos familiares e necessidade de adaptações, em alguns casos, durante o atendimento.

Essa classe de desafio evidencia que a acessibilidade em praias não está diretamente relacionada ao fornecimento ou disponibilidade e um artefato assistido, mas envolve uma dimensão humana e relacional, permeando o papel do operador como mediador responsável por garantir segurança, confiança e uma experiência positiva ao usuário.

(iii) Gestão e organização do serviço

Os aspectos de gestão e organização foram apontados diretamente por quatro dos participantes, diretamente relacionado à manutenção, logística e distribuição das equipes, além do suporte operacional. Os relatos indicaram dificuldade voltadas ao tempo de respostas para reparos necessários, disponibilidade de recursos e estrutura das atividades. No geral, esse tópico reforça que a iniciativa inclusiva deve ser compreendida como sistema produto-serviço, na qual seu funcionamento adequado depende tanto do artefato, como dos processos organizacionais envolvidos.

(iv) Desempenho do artefato e aspectos ergonômicos

No geral, a avaliação do artefato atual teve um resultado positivo, embora alguns aspectos sobre estabilidade, componentes mecânicos e limitações ergonômicas tenham sido apontadas. Esses aspectos são reforçados ainda mais nas sugestões de melhorias, quando destacam a ergonomia com sete participantes identificando problemas, a operação e gestão do serviço com seis, segurança e produto com quatro apontamentos cada.

Sabe essa perspectiva, os apontamentos revelam que as melhorias não estão direcionadas exclusivamente à alteração física da cadeira anfíbia, mas envolve a relação entre equipamento, tarefa e contexto de uso. No geral, a avaliação do artefato atual teve um resultado positivo, embora alguns aspectos sobre estabilidade, componente mecânicos e limitações ergonômicas tenham sido apontadas. Esses aspectos são reforçados ainda mais nas sugestões de melhorias, quando destacam a ergonomia com sete participantes identificando problemas, a operação e gestão do serviço com seis, segurança e produto com quatro apontamentos cada. Dessa forma, os apontamentos revelam que as melhorias não estão direcionadas exclusivamente à alteração física da cadeira anfíbia, mas envolve a relação entre equipamento, tarefa e contexto de uso.

De modo geral, a análise integrada evidencia que os desafios enfrentados pelos operadores estão voltados à sistemática das atividades envolvidas. Embora a cadeira apresente um elemento central da operação, sua efetividade depende da articulação entre três dimensões principais, como o ambiente, o usuário principal e a organização do serviço.

Assim, os dados indicam que o desenvolvimento de soluções inclusivas para o lazer aquático em praias deve considerar não somente requisitos técnicos quanto ao equipamento, mas também aspectos relacionados à experiência humana, condições ambientes e estratégia de operação.

6. REFLEXÕES E IMPLICAÇÕES PARA INICIATIVAS INCLUSIVAS EM PRAIAS

Os resultados obtidos reforçam a efetividade de iniciativas inclusivas em praias depende de uma compreensão ampliada da acessibilidade. Mais do que disponibilizar tecnologias assistivas, a promoção da inclusão resulta da articulação entre equipamentos, operadores, usuários e ambiente. Sob essa perspectiva, a acessibilidade passa a ser compreendida como um sistema integrado, no qual fatores humanos, tecnológicos e organizacionais influenciam conjuntamente a experiência do usuário.

Uma das principais contribuições deste estudo consiste em reconhecer os operadores como domínio tão importante para o conhecimento e fortalecimento da prática inclusiva do Praia Acessível, impactando diretamente na experiência dos usuários no litoral paranaense. Diferentemente de avaliações considerando ambiente controlado, os operadores estão em constante vivência de situações de imprevisibilidade, alterações das condições do mar, distintas caracterização da faixa de areia e limitações estruturais. Esse conjunto favorece um campo forte para o desenvolvimento de conhecimento tácito sobre a prática, dificilmente identificados somente por análises técnicas de produto.

O conhecimento tácito caracteriza-se pelas habilidades, percepções e estratégias desenvolvidas ao longo da prática cotidiana, que nem sempre podem ser totalmente documentadas ou formalizadas. Assim, os relatos analisados evidenciam que muitas soluções empregada diante às necessidades decorrem da adaptação às condições de uso, envolvendo tomada de decisão quanto à condução da cadeira, comunicação com usuários e familiares, manejo do equipamento e gerenciamento de situações inesperadas, facilitando a produção de conhecimento relevante para aprimoramento das tecnologias assistidas, serviços e modelo de atendimento.

Outro aspecto evidenciado pelos resultados refere-se à necessidade de considerar o contexto real de uso no desenvolvimento de tecnologias assistivas. Embora a cadeira anfíbia tenha sido bem avaliada quanto ao conforto e à facilidade de utilização, os desafios mais recorrentes relatados pelos operadores estiveram associados às condições ambientais, à organização do serviço e à interação com os usuários, demonstrando que o desempenho da tecnologia depende da forma como ela se integra ao sistema de uso em que está inserida.

Diante dessa perspectiva, esses apontamentos alinham-se à importância da adoção de abordagens centradas do usuário e contexto de uso durante o processo de desenvolvimento de tecnologias assistivas. Reforçando que contextos como o Praia Acessível devem ser compreendidos de forma ampliada, considerando domínios além da pessoa com deficiência, mas também operadores responsáveis

pelo desenvolvimento das atividades. Essa visão permite articular o mapeamento de necessidades e sugestões de melhorias para tomada de decisão partindo de diferentes participantes que interagem simultaneamente com o produto assistivo e dinâmicas de funcionamento.

Além disso, o ambiente costeiro pode ser compreendido como um sistema sociotécnico, no qual pessoas, artefatos, processos organizacionais e ambientes naturais podem estabelecer relações de interdependência. Assim, compreender implementações somente no contexto do artefato podem produzir impactos limitados quando não acompanhadas de ações focadas na capacitação contínua de equipes, qualificação da infraestrutura e aperfeiçoamento da gestão operacional. Essa colocação relaciona-se principalmente ao potencial de implementações baseadas em iniciativas colaborativas entre universidades, órgãos públicos e equipes de operação para a construção de soluções mais efetivas.

Ao transformar a experiência de domínios existentes no contexto do Praia Acessível em conhecimento sistematizado, estimula-se um ciclo contínuo de retroalimentação entre uso, avaliação e desenvolvimento tecnológico. Essa perspectiva fortalece processos de inovação orientados por evidências e amplia a capacidade das iniciativas inclusivas de responder às demandas reais da população, aproximando pesquisa, desenvolvimento e aplicação no campo da Tecnologia Assistiva.

7. CONCLUSÃO

O presente capítulo teve como principal objetivo compreender as experiências e desafios enfrentados pelo domínio de operadores na iniciativa de acessibilidade Praia Acessível no litoral paranaense. A partir da combinação de entrevistas semiestruturadas, observações em campo e análises quantitativas e qualitativas, foi possível categorizar o serviço a partir de fatores que influenciam diretamente a experiência desses agentes de operação, bem como, a qualidade da experiência oferecida aos usuários principais, pessoas com deficiência.

Os desafios mapeados apresentaram características que extrapolam os aspectos de uso da cadeira anfíbia, envolvendo dimensões variadas no contexto de sistema de serviço. Nos aspectos voltados às condições ambientes, à interação com usuários e familiares, organização operacional e infraestrutura encontra-se a maior concentração de respostas, apresentando maior ocorrência em detrimento às limitações do artefato. Percebe-se ainda que apesar na avaliação majoritariamente positiva da cadeira anfíbia, ainda existem pontos de aprimoramento relacionados principalmente à ergonomia, esforço físico exigido durante a condução e às condições de utilização considerando o contexto de praia.

Outro aspecto importante revelando no estudo está voltado ao acúmulo de conhecimentos construídos a partir da prática no dia a dia das atividades, desenvolvendo estratégias pra lidar com situações imprevisíveis, como adaptação do equipamento e uso diferenciado, visando atender da melhor forma o usuário. Esse conhecimento experiencial, destacado principalmente como tácito, está voltado à uma representação importante de fonte de informação, partindo ainda de idades variadas entre os operadores, apresentando diferentes visões sobre um mesmo ponto, mas que podem interagir continuamente para promover experiências inclusivas.

No geral, as evidências apresentadas reforçam que a acessibilidade em ambientes como a praia é mais um sistema do que a disponibilidade de produtos assistivos, partindo principalmente da interação entre o artefato, infraestrutura, capacitação e supervisão de equipes, gestão do serviço e as condições ambientais, reforçando o Praia Acessível como um sistema sociotécnico, na qual pessoas, tecnologias e processos interagem na promoção de experiência.

Por fim, este capítulo contribui ao evidenciar a importância de incorporar outros domínios no planejamento a aprimoramento de tecnologia assistiva, como o caso do operadores no contexto do Praia Acessível no litoral paranaense. Ao reconhecer esses profissionais como parte fundamental na produção de conhecimento e experiência inclusiva, amplia-se a compreensão de requisitos necessários para o desenvolvimento de processos e artefatos mais eficientes. Além de contribuir para a compreensão do funcionamento das iniciativas inclusivas em praias, os resultados oferecem subsídios para a definição de requisitos de projeto e para o desenvolvimento de soluções em Tecnologia Assistiva, considerando necessidades em diferentes esferas dos domínios existentes no contexto do ambiente costeiro.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2015.

BASTOS, P. A. L. S. *et al.* Tecnologia assistiva e políticas públicas no Brasil. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 31, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoao260434011>.

BORGES, A. de T. G. B.; OLIVEIRA, C. B. de. Praias acessíveis: premissas básicas para um projeto de sucesso. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 9, n. 10, p. 891–909, 2023. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v9i10.11649>.

DONEGAN, L.; MADRUGA, G. de O.; CARNEIRO, N. V. Night and day at the beach: relating social life to location and infrastructure in a Brazilian city. *Frontiers of Architectural Research*, v. 11, n. 6, p. 1177–1192, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/J.FOAR.2022.05.001>.

FISHER, H. L. Editorial: Salutogenic mental health science—A phoenix rising from the pathogenic ashes of psychiatry? *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v. 64, n. 11, p. 1529–1531, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jcpp.13890>. Acesso em: 6 jul. 2026.

GALVÃO FILHO, T. A.; DAMASCENO, L. L. Tecnologia assistiva em ambiente computacional: recursos para a autonomia e inclusão sócio-digital da pessoa com deficiência. *Boletim Del Real. Madri*, n. 63, 2008.

JOB, S.; HEALES, L.; OBST, S. Tides of change—barriers and facilitators to beach accessibility for older people and people with disability: an Australian community survey. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 20, n. 9, p. 5651, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph20095651>.

JOB, S.; HEALES, L.; OBST, S. Seas the day—older adults and people with disability seek health and wellbeing benefits through beach activities: an Australian community survey. *Health Promotion Journal of Australia*, v. 37, n. 1, 2026. DOI: <https://doi.org/10.1002/hpja.70123>.

LIKERT, R. A technique for the measurement of attitudes. New York: The Science Press, 1932.

LIMA E SILVA, D. et al. Accessibility challenges at Joaquina Beach, Florianópolis, Brazil. *GeoStudies*, v. 2, p. 1–20, 2025. DOI: <https://doi.org/10.3897/geostudies.2.e144761>.

MALLIN, S. S. V.; CARVALHO, H. G. de. Assistive technology and user-centered design: emotion as element for innovation. *Procedia Manufacturing*, [s. l.], v. 3, p. 5570–5578, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.promfg.2015.07.738>. Acesso em: 13 maio 2026.

MARTYN, P.; BRYMER, E. The relationship between nature relatedness and anxiety. *Journal of Health Psychology*, [s. l.], v. 21, n. 7, p. 1436–1445, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1359105314555169>. Acesso em: 13 maio 2026.

NISBET, E. K.; ZELENSKI, J. M.; MURPHY, S. A. Happiness is in our Nature: Exploring Nature Relatedness as a Contributor to Subjective Well-Being. *Journal of Happiness Studies*, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 303–322, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10902-010-9197-7>. Acesso em: 13 maio 2026.

PASCOE, S. Recreational beach use values with multiple activities. *Ecological Economics*, [s. l.], v. 160, p. 137–144, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2019.02.018>. Acesso em: 13 maio 2026.

SATARIANO, B. Blue therapeutic spaces on islands: Coastal landscapes and their impact on the health and wellbeing of people in Malta. *Island Studies Journal*, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 245–260, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.24043/isj.100>. Acesso em: 13 maio 2026.

SIBIRINO, R. S.; FIGUEIREDO, L. F. G. Uma análise das condições de acessibilidade nas praias de Florianópolis - SC. *Projetica*, Londrina, v. 6, n. 12, p. 122–133, 2015.

SILVA, S. C. S.; OLIVEIRA, P. L. P. de; DIÓGENES, J. L. S. PRAIA ACESSÍVEL: análise de uma política pública de acessibilidade a partir da visão dos usuários. *Revista Contemporânea*, [s. l.], v. 3, n. 6, p. 6388–6395, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.56083/RVC3N6-090>. Acesso em: 13 maio 2026.

VERDONCK, M.; WILES, L.; BROOME, K. Lived experience of using assistive technology for sandy beach based leisure for Australian people with mobility limitations. *Disability and Rehabilitation: Assistive Technology*, [s. l.], v. 19, n. 4, p. 1568–1578, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17483107.2023.2217859>. Acesso em: 13 maio 2026.